

NOS 100 ANOS DO NASCIMENTO (1988)

## MENSAGEM DE SOARES NO CENTENÁRIO DE PESSOA



Fernando Pessoa, óleo de Rodríguez Castañé.

«Fernando Pessoa é, hoje, um símbolo universal da cultura portuguesa. O seu nome e a sua obra alcançaram, em todo o Mundo, uma ressonância sem par. As traduções sucedem-se, os estudos proliferam, o interesse, a atenção, a paixão não cessam de aumentar.

Ao celebrar os cem anos do seu nascimento, em Lisboa, no dia de Santo António, Portugal sabe que o faz em comunhão com povos de diversas línguas e culturas, oferecendo simbolicamente ao património cultural da humanidade a obra deste poeta genial que deu à língua portuguesa os ritmos e o timbre de uma nova modernidade.

JORNAL DE NOTÍCIAS  
13/06/1988



## O QUE BRINCAVA A SER MUITOS

Por TERESA RITA LOPES

O português tem o enjoo fácil. Como o riso e as lágrimas e o entusiasmo. Agora já aperta o nariz e faz o gesto de «restituir» (como dizia o conselheiro Acácio) quando se fala do Pessoa. Enjoo do que nunca comeu, ou pelo menos digeriu: sim, porque o Pessoa que provou e mastigou foi a pastilha elástica que os meios de comunicação lhe andam a fornecer comemorativamente. Se dele se alimentasse como de pão já não corria esse risco. (Por mim, não conheço ninguém que tenha enjoado o pão). Comemorar Pessoa é, para mim, um pouco como assinalar o «Dia da Árvore»: não é a acácia da minha rua nem a da tua a homenageada. É a Natureza que é necessário preservar do lixo e das bombas desse terrível bicho-homem.

Tal como a Natureza, o que neste Mundo está, neste momento, ameaçado de morte, é aquilo a que chamarei a cultura das humanidades. E a poesia é a sua mais frágil voz e o seu mais alto expoente. Poesia não é versos. É uma voz que do fundo do homem abre caminho para o arrancar à inércia de ser «a besta sadia», «cadáver adiado que procria» (como dizia o poeta).

O primeiro homem que inventou um balão para fugir ao peso da gravidade e ampliar a sua visão do Mundo é tão poeta como o mítico Ícaro que inventou umas asas logo por azar de cera. Ou como o menino lançando esse papagaio de papel ou esse balão que lhe transmite aos dedos a fome de voar.

## ENTRE A PÁTRIA E A MENSAGEM

Por DALILA PEREIRA DA COSTA

O poema de Guerra Junqueiro, se apresentará sob o esquema do drama, o de Fernando Pessoa mais sob o do mito; mas ambos, usando o símbolo e simultaneamente na referência realista à história pátria e nela inserindo-se em ordem no tempo. E, propósito capital partilhado por ambos: tendendo a uma auto-gnose que, em interpelação muito directa a todos nós, pretenderá ser caminho de reencontro de uma alma pátria consigo própria para sua regeneração, acesso a nova vida e novo mundo.

A perda da alma da pátria e consequente desintegração desse ser colectivo, os dois poetas-profetas a datarão de Alcácer-Quibir (em Junqueiro, vista violenta e quase univocamente se processando pela, e através da dinastia de Bragança), e apresentando-se no transcurso dessa história, em drama ou mito, como processo de psicose (há Pátria, personificado no Doido): em descolamento do real, fixação destrutiva no passado, sono. Escuridão, indecisão de formas, tal o cenário do começo ou fim respectivamente, desses dois poemas. Mas ambos, na sua essência profética, respeitando o segredo pátrio: «Noite de tormenta. Céu caliginoso». «Mistério... mistério...». Ou: «Fita, com olhar sphingico e fatal, / O Ocidente, futuro do passado». «Tudo é disperso, nada é inteiro, / O Portugal, hoje és nevoeiro».



## OU UM MODO DE ACERTAR AS CONTAS

Por FERNANDO GUIMARÃES

Há quem fique mais ou menos irritado com a celebração de cinquentenários, centenários, etc.; e há boas razões para isso. O que é certo, porém, é que circunstâncias como estas permitem que, alargadamente, o público seja sensibilizado para certos momentos importantes do desenvolvimento da nossa cultura. E, muitas vezes, estes ficariam envoltos numa duvidosa penumbra se tais ocasiões não surgissem.

Não é esse o caso de Fernando Pessoa, pois a sua obra atingiu hoje uma ressonância invulgar. Mas se-lo-á relativamente a um movimento literário anterior ao nosso Modernismo e em relação ao qual Pessoa se mostrou particularmente atento. Trata-se do Simbolismo, e — para que se faça aqui um acerto de contas — diga-se desde já que no próximo ano se perfazem cem anos relativamente às primeiras manifestações desse movimento.

JORNAL DE NOTÍCIAS  
13/06/1988